

## EDITORIAL

Maria de Lourdes Lima dos Santos

O aproximar do final do século ou da viragem para o novo milénio constitui ocasião privilegiada para ensaiar balanços e delinear futuros. Vai neste mesmo sentido a maior parte dos diferentes textos reunidos no nº 3 da OBS como, aliás, o indicam os próprios títulos de alguns deles. Os balanços, se deixam ver elementos de resistência e inércia no domínio da vida cultural portuguesa, abrem, contudo, para a emergência inadiável de factores de inovação e participação. Relativamente a estes últimos, e em termos gerais, podemos reter duas grandes linhas a partir da leitura do presente número e traçar com elas o esboço de um modelo de investimento/empenhamento cultural para o virar do século – uma linha de definição de estratégias alternativas e uma linha de sensibilização face aos “novos possíveis”.

Assim, no **Tema**, António Pinto Ribeiro confronta-nos com uma assimetria entre a oferta e a procura cultural e com uma assimetria da própria oferta conforme as regiões do país (abundância da oferta, miséria da procura ou antes desencontros entre uma e outra?). Mas, ao mesmo tempo, assinala vias diversas para uma superação dessas assimetrias, vias coincidentes com as duas linhas acima referidas. Estratégias alternativas de formação/participação, mobilizando novos espaços (nomeadamente fora da escola), abordando novos temas (multiculturalismo, ecologia, etc.), acolhendo novos públicos (os excluídos, os diferentes) – o visar da sensibilização do espectador/visitante para uma posição activa e crítica e da actualização e revificação da(s) cultura(s) popular(es).

Se passarmos ao **Debate** – que, neste número, incide sobre as mudanças que atravessam o mundo do livro e da leitura –, embora ele se desdobre por problemas específicos e diferenciados, reencontramos uma orientação que também parte de um balanço com mais ou menos reservas, para depois se lançar pela via das duas grandes linhas paradigmáticas que retivemos. Há três depoimentos cujos autores se situam, um na área dos livreiros – Graça Didier –, outro na dos bibliotecários – Henrique Barreto Nunes –, outro ainda numa área de experiência e reflexão multifacetadas sobre o campo do escrito – José Afonso Furtado. Um parêntesis para dizer que não nos foi possível obter os depoimentos dos agentes contactados na área dos editores.

Ao longo dos depoimentos, indicam-se, por um lado, as fragilidades do tecido livreiro (“As livrarias – elementos para uma reflexão”) face a uma série de factores que têm obstruído o

desenvolvimento das livrarias (dos problemas da distribuição aos da formação profissional); as dificuldades das bibliotecas públicas (“A oferta pública da leitura”) face à morosidade que algumas Câmaras têm manifestado no cumprimento dos valores estipulados para a constituição dos fundos documentais; as reservas dos editores (“Pistas para um mercado do livro no virar do século”), face ao embate das novas tecnologias sobre os processos tradicionais de criação, produção, reprodução e distribuição do impresso.

Por outro lado, vemos referida a emergência de transformações que envolvem novas estratégias por parte dos agentes implicados. De resto, os diferentes depoimentos fornecem elementos que reciprocamente se iluminam e reforçam no sentido das linhas mestras do modelo de investimento/empenhamento para a transição. Nesta medida, a actividade editorial bem como a do comércio livreiro encontrarão na própria expansão da Rede de Leitura Pública e de Bibliotecas Escolares um factor impulsionador a associar a outros (da regulamentação do mercado pela lei do preço fixo e das linhas de apoio do Fundo de Fomento Cultural até à definição de novas estratégias dos vários agentes). Por sua vez, os editores vão ter de defrontar-se com o grande desafio da passagem “de uma cultura em que o analógico e o impresso eram dominantes para uma cultura predominantemente digital”, o que, noutros termos, significará passar “de uma filosofia centrada no produto para uma filosofia de serviços”, segundo as palavras de J. A. Furtado. Para este caso, os dados fornecidos por Eduardo de Freitas nos **Indicadores** ajudam-nos a avaliar a amplitude dos desafios do mercado do livro. Alguns quadros e gráficos retratam aspectos relevantes da produção editorial entre nós. Concentração espacial e económica das editoras; pequena subida do número de títulos na última década, não acompanhada da subida de tiragens; posição inferior de Portugal face a outros países europeus relativamente ao número de títulos editados; muito baixa proporção de vendas para o mercado externo. Uma situação que tem sido vivida num clima de procura deficitária e que vai ter de defrontar-se com a entrada no mercado *online* e com o crescimento exponencial da Internet...

Será de prever que um futuro mercado alargado para a edição electrónica, alimentado pelos “utilizadores de lazer”, venha a suplantar as debilidades actuais do mercado convencional? Também aqui a definição de estratégias alternativas e a sensibilização aos “novos possíveis” poderá abrir caminhos diversificados como aqueles a que neste número se faz menção.